

## Empreendedorismo feminino na produção de alimentos orgânicos



Foto: Marcelo Francisco

Maria José, 48 anos, juntamente com a irmã dela, Luciene Maria, 27 anos, e a filha, Rita de Cássia, de 28, fazem a diferença no Assentamento Juazeiro, município de Inajá/PE. Elas produzem hortaliças em uma propriedade só delas, e comercializam na feira livre da cidade. Essas mulheres mantêm o empoderamento feminino que tem proporcionado autonomia financeira, qualidade de vida e alimentar.

Em meio a dificuldades financeiras, Rita e Luciene saíram de Inajá para tentar a vida na cidade de Petrolândia/PE. O dinheiro que ganhavam com os empregos que conseguiam na cidade não dava para pagar as contas. Foi então que, a convite de Maria, elas decidiram voltar para o campo e integrar a pequena produção da agricultura familiar que ali se instalava.



Foto: Marivaldo Silva

“Foi como uma luz no fim do túnel. A partir daí eu comecei a plantar com minha mãe, em uma parte do terreno. Também fomos à feira juntas comercializar a produção. Depois que vi os resultados, gostei muito! É de lá que tiro minha renda, compro minhas coisas, pago minhas contas, compro pão, carne e não compro verdura porque já tem”, conta Luciene.

Com Rita não foi diferente: "No começo eu recebia o que minha mãe me dava, até que minha avó disse para eu plantar minhas hortas e eu mesma levar para feira. Aí eu passei a plantar mais e, mesmo sem experiência, fui vender. Vendi tanto que eu nem sabia o que fazer com o dinheiro. Não tinha costume de pegar tanto em dinheiro como naquele dia", lembrou aos risos.

O dia a dia dessas mulheres é semelhante. Acordam cedo todos os dias para cuidar do roçado. Alface, cebolinha, coentro, couve, banana, mamão, milho são produzidos de forma orgânica em um espaço coletivo de menos de meio hectare. Com a chegada de uma cisterna de placa de 52mil litros, Rita sonha em ampliar a produção e cultivar macaxeira, cenoura e beterraba.

A segunda-feira é dia de comercializar os produtos. Acordam às três da manhã e chegam à feira de Inajá às cinco. Cada uma possui uma barraca. Organizam os produtos, armam as lonas e passam o dia vendendo. "Na segunda-feira, enquanto estou vendendo, minha filha cuida do roçado. Quando ela não pode, meu marido vem e ajuda. Aqui envolve toda a família: minha mãe, minha vizinha”, conta Luciene.

Juntas, elas trazem algo em comum: o orgulho de trabalharem na terra onde se vivem, de serem agricultoras e exercerem a profissão que lhes garante dignidade, autonomia e o sustento, onde se afirmam como camponesas em um Semiárido rico, produtivo e sem agrotóxico.